

Jorge Luís Borges (1899-1986), argentino, é considerado um dos mais importantes escritores do século XX. Perpassando suas obras, o Autor do artigo recolhe os conceitos que Borges externou sobre o livro, essa “extensão da memória e da imaginação do ser humano”, que não será eliminado pela Informática, assim como a fotografia não aboliu a pintura. Apesar da preferência dos antigos pela comunicação oral, cedo passaram a reconhecer que “as palavras voam, e o que está escrito permanece”. Surgiu, aos poucos, o conceito do “livro sagrado” – a Torá, o Evangelho, o Alcorão – ao mesmo tempo que foram sendo escritas epopéias como a Ilíada, a Enéida, os Lusíadas, e as obras-primas das várias línguas. Para Borges, o fato central da vida foi, de algum modo, “a existência das palavras e a possibilidade de tecê-las em poesia”...

Borges e o livro

*Paulo Leonardo Medeiros Vieira**

* O Autor é Advogado e Professor aposentado do Departamento de Direito Público e Ciência Política da UFSC



Entre os temas de cinco conferências que iria proferir na Universidade de Belgrano, Buenos Aires, Jorge Luis Borges (1899-1986), apontado por um júri internacional entre os maiores escritores do século XX, escolheu em primeiro lugar, *o livro*. Sem o livro, que lhe era tão íntimo quanto suas mãos e seus olhos, não podia imaginar sua vida ¹. Se uma biblioteca – referia-se à de Alexandria – é a memória da humanidade, o livro é extensão da memória e da imaginação do homem. Outros instrumentos são apenas extensões do seu corpo: o telescópio, de sua visão; o telefone, de sua voz; o arado e a espada, de seu braço (ibidem).

Meus livros – dizia Borges – que não sabem que eu existo, são tão parte de mim como este rosto ².

Desde criança Borges aprendeu de seu pai a amar os livros, os quais na sua idealização do céu certamente tomavam o lugar dos anjos: “Cuando era niño, yo me imaginaba el Paraíso bajo la forma de una biblioteca” ³. Esse sentimento o acompanhou pela vida afora, mesmo quando, velho e cego, cantou com amargura *a maestria de Deus, que com magnífica ironia deu-lhe a um só tempo os livros e a noite* ⁴. Nesse mesmo poema, queixava-se:

*“Eu fatigo sem rumo os confins
Dessa alta e funda biblioteca cega.
Enciclopédia, Atlas, o Oriente
E o Ocidente, centúrias, dinastias,
Símbolos, cosmos e cosmogonias
Brindam as paredes, mas inutilmente”.*

E relembra, redundante, a impressão que guardava da infância: “Eu que me figurava o Paraíso tendo uma biblioteca por modelo...”

Neste quase-ensaio quero intentar um bosquejo pela obra de Borges, para me deter nesse tema – o livro - com o qual, ao lado de outros poucos, o tempo, no seu dizer, o havia consubstanciado ⁵. Pode parecer anacrônico falar do assunto, justamente quando estamos migrando, como sustentam alguns, de uma sociedade que não chegou a consumir o livro para outra que vai dispensar o livro. Na expressão de Antônio Houaiss, de uma sociedade ágrafa para outra sociedade ágrafa, embora não propriamente pelas mesmas razões.

¹ *Obras Completas, Ed. Globo, SP, 1999, Prólogo – IV/187*

² *Idem, vol. III/123*

³ *BORGES VERBAL, Bravo & Paoletti, EMECÉ ED., Buenos Aires, 1999*

⁴ *Poema dos Dons, in O fazedor, 1960, Obras Completas, II vol.*

⁵ *Prólogo – IV/187*



Pessoalmente, acredito no futuro duradouro da palavra escrita, cujos ancestrais estão na parede das cavernas, na Pedra de Roseta, nos blocos de argila, evoluindo para a pele de animais, o caule dos papiros, o papel produzido desde antanho pelos chineses até a tipografia de Guttemberg. A linguagem virtual e a voz humana digitalizada ocuparão espaço cada vez maior na sociedade do futuro, mas não lograrão expungir do mundo a linguagem literária tecida de letras e símbolos gráficos milenares. Da mesma maneira que a fotografia não aboliu a pintura, a Informática não eliminará o livro. Mas ainda que estivessem certos os pessimistas, este assunto ainda há de ser assunto por muitas gerações...

Nessa conferência, pois, que pronunciou em Belgrano, em maio de 1978, Borges confidenciou haver pensado em escrever uma história do livro, mas abandonara a idéia, – sem desistir do tema, que perpassa sua obra, – em face do aparecimento de *Decadência do Ocidente*, de Splenger, que é, em síntese, a história que Borges pretendia escrever. Sua conferência, com a ressalva carregada de modéstia, de “*algumas observações de caráter pessoal*”, inspirou-se nessa obra, num ensaio de Montaigne e numa conferência de Emerson.

Para Borges, o livro tinha a função de recordar sonhos e reviver o passado, tanto no plano pessoal quanto no da História. Ele achava surpreendente que os antigos não lhe professassem o mesmo culto que nós lhe professamos, porque viam nele apenas um sucedâneo da palavra oral. Mas o próprio Borges, em certa medida, especialmente já entrado em anos, identificou-se com os mestres orais do passado. No outono da vida, velho e cego, viria a ser um deles, arrastando admiradores da velha Europa e da América às suas concorridas conferências. Gostava de repetir a expressão *scripta manent, verba volant* (o escrito fica, as palavras voam), não para significar que a oração verbal fosse efêmera, mas que a palavra escrita é duradoura e morta, enquanto a palavra oral tem algo de alado, de leve; alado e sagrado, como disse Platão. Com essa reflexão, certamente, consolava-se.

Borges ilustrava a preferência dos velhos mestres pela comunicação oral, começando por Pitágoras, que nada escreveu, deliberadamente, porque queria que seu pensamento permanecesse vivo para além da morte na mente de seus discípulos, de modo que estes, sem se prenderem à sua pregação literal, continuassem pensando com liberdade o pensamento inicial do mestre. E assim veio a ser. Mais tarde, seus seguidores escudavam-se em sua autoridade usando a fórmula, traduzida para o Latim, *Magister dixit*. E assim repetiriam para mostrar fidelidade e para conferir autoridade às citações: “o Mestre disse”. Atualmente, alguns críticos veriam nessa locução uma falácia de autoridade, mas no caso dos discípulos de Pitágoras, não passava, simplesmente, de um ato de fé.

Sócrates também nada deixou escrito. Borges especula que Platão, para fixar



definitivamente o pensamento do Mestre sem incidir na mudez dos livros, concebeu diálogos que perpetuariam as lições do seu filósofo predileto. Platão compara os livros a esfinges, que embora parecendo vivas, quando inquiridas sobre algum assunto nada respondem. Os diálogos filosóficos, acreditava, infundiriam vida a tal mudez.

É também comum dizer-se que Platão buscou nos seus diálogos, de um lado consolar-se da morte do amigo querido; de outro, resposta a indagações que já não lhe podia dirigir. Por tal razão, ao deparar-se com qualquer problema, ele se perguntava: o que diria Sócrates sobre isto? E ele mesmo respondia, nos diálogos que engendrou, de acordo com a memória que guardava das lições do Mestre.

Consta que Platão receava a escrita à consideração de que, nos diálogos orais o mestre escolhia o discípulo, ao passo que o livro não escolhe seus leitores, que podem ser sábios ou néscios; malvados ou virtuosos. No Fedro, ele narra uma fábula egípcia que condena a escrita porque seu hábito faz as pessoas descuidarem do exercício da memória e dependerem de símbolos. De outro lado, no Timeu, ele comentava ser tarefa árdua descobrir o Criador e pai do Universo, e, uma vez descoberto, dá-lo a conhecer verbalmente a todos os humanos.

O certo é que, independentemente das motivações dos mestres orais, havia conspícuas restrições à comunicação escrita. Clemente de Alexandria, na esteira do preconceito, prelecionava que o mais prudente é não escrever, mas aprender e ensinar de viva voz, pois a escrita fica, isto é, se petrifica – o que não deixa de ser uma possibilidade e um risco.

Santo Anselmo acrescentava que colocar um livro nas mãos de um ignorante é tão perigoso quanto colocar uma espada nas mãos de uma criança. Punha, pois, em pé de igualdade, a arma e o livro. Consta que Alexandre da Macedônia guardava, sob o travesseiro, a *Ilíada* e a espada. “Duas armas”, dirá Borges, sem ironia. Duas armas: o livro e a espada.

Borges cita também Jesus, que fez verbalmente todo o anúncio da Boa Nova; Jesus Cristo, que ao longo de sua pregação só escreveu uma vez, umas poucas palavras, que o vento levou. Embora não o mencione, Borges referia-se ao episódio da Mulher Adúltera. Segundo antiga tradição, Jesus teria rabiscado na areia os pecados daqueles que, armados de fúria e de pedras, voltavam-se contra a mulher surpreendida em adultério. Só o que ficou registrado no Evangelho foi a providencial intervenção do divino Profeta da Galiléia: “*Aquele que não tiver pecado, atire a primeira pedra*”. Depois, dirigindo-se a Madalena: “*Mulher, ninguém te condenou? – Não, Senhor; ninguém me condenou. - Eu também não te condeno. Vai em paz e não tornes a pecar*” (Jo 8,7.10-11).



Consta, na história do livro, que o início do processo que culminou com o predomínio da palavra escrita sobre a falada deu-se pelos fins do século IV.

Quando o livro assumiu sua própria relevância, emergiu a idéia do livro sagrado, uma categoria estranha à Antigüidade clássica, idéia que alcançou o ápice com a Torá e o Alcorão. A Torá, que tem Moisés por redator, e por autor o Espírito Santo; e o Alcorão, também chamado “O Livro”, Al Kitab, que é para os muçulmanos mais que uma obra de Deus; é um atributo seu, como a misericórdia, a justiça e a eternidade. Segundo os ulemás, o texto original do Alcorão, chamado “A Mãe do Livro”, é anterior à Criação, e está guardado no céu, onde foi escrito, conforme vem mencionado de maneira misteriosa no capítulo XIII desse livro. O Alcorão é, pois, apenas uma cópia do original guardado no céu.

Para os antigos, os livros em geral tinham por inspiração a Musa (“*Canta, Musa, a cólera de Aquiles*”); já os livros sagrados foram inspirados pela Divindade. Se a idéia de musa é um tanto vaga, a de Divindade é mais concreta. “É Deus, que condescende com a literatura. Deus, que escreve um livro”, diz Borges (ibidem).

Conquanto admita que o conceito de livro sagrado possa ter passado, adverte que os livros têm certa santidade que devemos preservar. O prestígio do livro e da literatura aos poucos passou a valer como um selo de identidade para cada País. Os muçulmanos referiam-se aos judeus como aquele povo cuja pátria é um livro – a Bíblia. A Inglaterra escolheu Shakespeare; a Alemanha, Goethe; a França, Victor Hugo; a Espanha, Miguel de Cervantes; o Império Romano escolheu Virgílio; a Itália, Alighieri. O Brasil romântico, bem comportado, escolheria Machado; o país do Carnaval, Jorge Amado. Portugal, talvez Pessoa, Eça ou Camões.

O tema é vasto, pode ser enfocado por vários ângulos. Para Borges, a leitura deve ser uma fonte de alegria. Citando sua irmã Norah, na verdade Leonor, para quem a pintura é a arte de dar alegria com formas e cores, aduz que para ele a literatura é, igualmente, uma das formas de alegria, porque o livro é uma das possibilidades de felicidade que temos, nós, os humanos.

Emerson afirmava que uma biblioteca é uma espécie de gabinete mágico, em que se acham encantados os melhores espíritos da humanidade, mas aguardando nossa palavra para saírem de sua mudez. “Temos de abrir o livro, para, então, eles despertarem”. Se alguns, pensando assim, fazem a apologia do livro e da literatura, outros os vêem – já foi dito – como arma e ameaça. Ao lado daqueles que cultivam a leitura e têm apreço pelos livros, guardando-os como uma jóia em seu escrínio, outros voltam-se contra eles. O caso mais emblemático, recapitulado por Borges no texto *A Muralha e os Livros*⁶, é o do Imperador Che Huang-ti, que ordenou a

⁶ *Obras Completas II/9*



construção das muralhas da China e mandou queimar todos os livros existentes no Império, condenando ao esquecimento a memória do seu passado. Pretendia que a história começasse com ele, embora se contasse em três mil anos que incluíam o Imperador Amarelo, Chuang Tzu, Confúcio, Lao-Tsé. Mas não se pode senão especular sobre as razões que o levaram a essa determinação. Consta que havia desterrado a mãe por libertinagem e quisesse deletar todo o passado para abolir uma única lembrança: a infâmia de sua mãe. “Não de outra sorte um rei, na Judéia, mandou matar todas as crianças para matar uma”.

Consta, outrossim, que Che Huang-ti buscou o elixir da imortalidade e proibiu no seu Império toda menção à morte. Assim, a muralha no espaço e o incêndio no tempo seriam barreiras mágicas destinadas a deter a morte. Pode ser, acreditava Borges, que o Imperador que sonhava com a imortalidade, quisesse também recriar o princípio do tempo, daí haver determinado que seus sucessores se chamassem “Segundo Imperador”, “Terceiro Imperador”, “Quarto Imperador” e assim por diante, abolindo, pois, todo o passado. De todo modo, a muralha aponta para o futuro; o incêndio das bibliotecas elimina o passado, duas operações que em certa medida se anulam. Mas Borges admite que o Imperador tenha destruído os livros por entender que eram sagrados, ou seja, livros que ensinam o que ensina o universo inteiro ou a consciência de cada homem.

Há, ainda, e por fim, um outro livro, de que falaram Borges e o salmista, e Paulo de Tarso, Francis Bacon, Galileu Galilei, Antônio Vieira, Thomas Browne. Para Bacon, Deus nos ofereceu dois livros, o das Escrituras, que revela Sua vontade, e um segundo, o das criaturas – refere-se ao Universo – que revela Seu poder, e que se constitui na chave daquele. Em Galileu Galilei é freqüente o conceito do universo como livro. Uma das suas obras é intitulada *IL Libro della Natura*, de onde se extrai a seguinte passagem: “A filosofia está escrita naquele enormíssimo livro continuamente aberto diante de nossos olhos (quero dizer, o universo), mas ininteligível se antes não estudarmos a língua nem conhecermos os caracteres em que está escrito”⁷.

Thomas Browne, na mesma linha, assegurava: “Dois são os livros em que costume aprender teologia: a Sagrada Escritura e aquele universal e público manuscrito que é patente a todos os olhos. Quem nunca O viu no primeiro, descobriu-o no segundo” (ib.).

Vieira, no Sermão do Santíssimo Sacramento (Santa Engrácia, 1645), em sua oratória soberba, após lembrar que os Profetas, não os mandou Deus ao mundo

⁷ Borges, *Do Culto aos Livros*, op. cit., II/102, nota de rodapé



no tempo da lei da natureza, senão no tempo que se seguiu depois dela, que foi o da Escrita, – citando Tertuliano, disse: “Deu Deus primeiro aos homens por mestre a Natureza, havendo-lhes de dar depois a Profecia, porque as obras da Natureza, são rudimentos dos mistérios da Graça; e muito mais facilmente aprenderiam os homens o que se lhes ensinasse na escola da Fé, tendo sido primeiro discípulos da Natureza”⁸.

Carlyle, em várias passagens de sua obra, especialmente num ensaio sobre Cagliostro, afirmou que a história universal é uma Escritura Sagrada que deciframos e escrevemos incertamente e na qual também somos escritos (id.). Mallarmé diz, numa passagem obscura e certamente exagerada, que o mundo simplesmente existe para compor um livro. Léon Bloy afirma que a história é um imenso texto litúrgico no qual os jotas e os pontos não valem menos que os versículos ou capítulos inteiros, mas a importância de uns e de outros é indeterminável e está profundamente oculta. E acrescenta que somos versículos, ou palavras, ou letras de um livro mágico, e esse livro incessante é a única coisa que há no mundo: melhor dizendo, é o mundo (L'Âme de Napoleon, 1912, op. e loc. cit.).

São Paulo escreve aos romanos que desde o início dos tempos Deus se revela à inteligência do homem pelas suas obras (cfr. Rom. 1,20), ou seja, pelo Universo, que é o livro da Natureza. Também os físicos modernos, segundo Heinz Pagels, crêem que o Universo é uma mensagem redigida num código secreto, um código cósmico, e que a tarefa do cientista consiste em decifrar este código⁹.

No crepúsculo de sua caminhada, discorrendo sobre a ambigüidade de sua dupla existência, ou sobre a unidade dessa duplicidade, Borges escreve: Ao outro, ao Borges, é que sucedem as coisas. Eu caminho por Buenos Aires e me demoro, talvez já mecanicamente, para olhar o arco de um vestíbulo e o portão gradeado; de Borges tenho notícias pelo correio e vejo seu nome em uma lista tríplice de professores ou num dicionário biográfico. (...) Seria exagerado afirmar que nossa relação é hostil; eu vivo, eu me deixo viver, para que Borges possa tramar sua literatura, e essa literatura me justifica...¹⁰.

“Muitas coisas”, acrescenta alhures, “aconteceram comigo como a todos os homens. Tirei prazer de muitas coisas (...). Mas, de algum modo, o fato central de minha vida foi a existência das palavras e a possibilidade de tecê-las em poesia”¹¹.

Eis aí a confissão essencial de sua vida, não a de uma dupla existência (Borges e Eu, Borges e o Outro), mas a da paixão que o seduziu na aurora da vida, naquela

⁸ *Sermões, organização de Alcir Pécora, Tomo I, hedra, SP, 2000*

⁹ *Apud GUITTON, Jean, Deus e a Ciência, Nova Fronteira, 1991, p. 144*

¹⁰ *Obras Completas II/206, Borges e Eu*

¹¹ *Esse Ofício do Verso, Companhia das Letras, 2000, p. 106*



ampla casa de Palermo, “o último bairro da cidade, que é onde começava o pampa interminável”, – e o perseguiu até o instante derradeiro.

No ano anterior à sua morte, Borges reiterou em Barcelona, o que de diversas formas proclamara: “Continuo tendo um grande carinho pelos livros, sigo professando o culto do livro. Finjo não ser cego e continuo comprando livros, enchendo minha casa de livros. Ainda que não os veja, sinto sua atração misteriosa”¹².

Quando decidiu morrer em Genebra, em 1986, num quarto de hotel, longe de casa, estava montando o cenário do *script* que tinha na cabeça; um argumento para dar cunho de ficção à sua morte iminente, fazendo-se personagem dessa trama que marcaria o encontro definitivo da vida e da ficção – duas faces, para ele, da mesma realidade.

“Borges e o Outro”, “Borges e Eu”, “Borges e a Literatura”. A grande paixão de sua vida certamente justificaria esses e outros títulos, porque todos acabaram por se confundir na mesma identidade: *Borges e o livro*, no qual, como queria, ao longo da vida acabou por se consubstanciar.

Não era, pois, uma simples frase de efeito para o auditório fascinado de Belgrano: “Meus livros, que não sabem que eu existo, são tão parte de mim como este rosto”. Sua vida o demonstrou coerentemente. Borges, escritor, poeta e personagem.

Endereço do Autor:

Rua Doutor Armínio Tavares, 31, apt 501
88015-250 FLORIANÓPOLIS, SC

¹² BRAVO & PAOLETTI, *Borges Verbal*, EMECÊ Editores, Buenos Aires, 1999